

JUBILEU DA ACADEMIA

ANDRADE FURTADO

Deve representar para os foros mentais do nosso Estado grandioso acontecimento a comemoração, que ora realizamos, do sexagésimo aniversário da Academia Cearense de Letras.

Neste período jubilar de atividade intelectual, vemos projetada a silhueta luminosa do berço de Alencar sôbre o mapa inteiro da nacionalidade.

Este fato, dos mais significativos para os créditos da nossa cultura, enche-nos de justificada alegria. Nêle temos demonstrado, perante a opinião unânime do País, que os trabalhos desta instituição valem o ingente sacrificio que lhe custou, para edificação e honra da Pátria.

Ninguém há-de perguntar-vos, prezados companheiros da longa jornada, que haveis feito do cabedal precioso que os antepassados vos legaram, uma vez que multiplicastes os talentos recebidos, patentes aos olhos de todos, nesta floração prodigiosa de uma primavera bendita nos domínios do Pensamento.

Do nosso Silogeu fizeram parte personalidades do maior prestígio e das mais impressionantes no cenário da vida contemporânea.

Entre os seus fundadores destacam-se Tomaz Pompeu, cuja lembrança povoa este recinto acolhedor e evocativo do seu elegante cavalheirismo; o Barão de Studart, nobiliárquico pesquisador de in-fólios e alfarrabios, que fez tão rica de documentação a nossa História Colonial; Antônio Bezerra, naturalista erudito e intrépido, que percorreu, palmo a palmo, os sertões semi-bárbaros, para traçar a exata configuração geográfica da Província e recolher dados positivos sobre as peculiaridades e exuberância da natureza regional; Farias Brito, que abriu horizontes largos e traçou claros rumos à Filosofia moderna; Padre Valdivino Nogueira, árbitro da eloquência, envôlta nas pompas de arrebatador estilo, Antônio Augusto de Vasconcelos, tribuno inflamado e mestre do Direito, Eduardo Salgado, Al-

cântara Bilhar, Pedro de Queiroz, Alvaro de Alencar, Eduardo Studart, Henrique Théberge, Justiniano de Serpa, Virgílio de Moraes, Valdemiro Cavalcanti, José de Barcelos e vários outros, cujos nomes são títulos de recomendação para os nossos fastos literários.

Por êste iluminado solar passaram depois notabilidades inconfundíveis no campo das idéias e nas eminências do Parnaso, como António Sales, padre António Tomaz, Rodolfo Teófilo, Raimundo Ribeiro, padre João Augusto da Frota, José Sombra, António Teodorico da Costa, Soares Bulcão, Raimundo Arruda, Jorge de Sousa, Quintino Cunha, Leonardo Mota, António Furtado, Leiria de Andrade, Mozart Pinto, Epifânio Leite, figuras de prol, cujo perfil espiritual é-nos grato, hoje, aqui relembra, entre vivas saudades e enternecidas reminiscências.

Podemos, certamente, nos ufanar de que a nossa corporação — bela árvore florida, numa gleba requeimada pela canícula inclemente — deu frutos opimos para a bibliografia nacional — desde a “Finalidade do Mundo”, de Farias Brito, e “Datas e Fatos”, do Barão de Studart”, até “Violeiros do Norte”, de Leonardo Mota, e “Águas Passadas”, de António Sales.

Que vigor prodigioso de intelectualidade podemos assinalar, nesta Nova Atenas Brasileira, conforme ainda há pouco fazia sentir Mozar Monteiro, em poligrômica apreciação de crítica histórica para a imprensa carioca !

É por tudo isto que podemos afirmar, de modo categórico, nesta memorável efeméride, constituir a Academia Cearense de Letras um patrimônio opulento da nossa vida mental.

É, além disto, em nossos dias, uma afirmação irretorquível do primado do Espírito, ante a ofensiva de materialidade envolvente.

Tudo se mercadeja, tudo se quer obter sem esforço, no anseio epicurista do gozo e na ambiciosa sede do ouro.

A divisa que adotamos é uma contradita à triste tendência da época e traduz o alto sentido da dignidade pessoal: — *Forti nihil difficile* . . .

É preciso, em verdade, vencer pela força da razão, pela tenacidade do labor continuo, sempre lembrados da advertência de Sheridan: — “O caminho seguro para não falhar é ter determinado conseguir” . . .

Ouviu-se aqui e guardou-se na memória aquêlê conselho admirável de Ruy: — “Trabalhai, mas persistentes, incessantes, como o sol de todos os dias e o orvalho de tôdas as noites !”.

Nesta sala de armas de gentis cavaleiros da Inteligência, reunem-se, em Fortaleza, homens de escolha, animados de ardente fé no culto nobilíssimo do Ideal, para manter acesa a chama sagrada de gratidão a Deus — fonte de luz e de bondade, suprema perfeição da beleza e da arte, glória das tradições imortais do Ceará e do Brasil !

Este inauferível empenho em prol da cultura e aprimoramento do caráter de um povo cristaliza-se, afinal, na obra magnífica da nossa Civilização. Produziu na Literatura um José de Alencar, no Direito um Clóvis Bevilacqua, na Medicina um Moura Brasil, na História um Capistrano de Abreu, na Filologia um Heráclito Graça, no Humanismo um Monsenhor Bruno de Figueiredo, na Poesia um José Albano, na Música um Alberto Nepomuceno, na Pintura um Vicente Leite, no Humorismo um Paula Ney...

Na Terra em que loureja esta seara, contamos com uma instituição desta envergadura, capaz de ser apontada como geratriz de renascimento nacional, contribuindo de modo iniludível para a projeção do País na América e no Mundo !

A nossa missão é reagir contra o utilitarismo do século, a preocupar-se, antes de tudo e acima de tudo, com as exigências efêmeras da matéria, sem atender às aspirações eternas da alma humana.

Uma coisa só é necessária, segundo a sabedoria do Evangelho : — Cuidar da justiça de Deus ! Tudo mais virá por acréscimo.

É esta a verdade básica a obstar à inversão da hierarquia dos valores, impondo-nos o rumo certo que adotamos, em nossa infatigável faina, para manter a supremacia do Espírito.

Não tenhamos receio dos remoques adversos. Os que, em nossos dias, falam excessivamente na Ciência, para a opor à Religião, no conceito de um sábio atual, são os ignorantes.

Em nossas vacilações e perplexidades, exclamemos com o neto de Renan, Ernesto Psichari: "Meus Deus, perdoai-me que Vos tenha querido estudar, antes de Vos amar !"

O homem não saberia viver, diz muito bem Franz Kafka, sem confiança em algo indestrutível, dentro de si mesmo...

Aprendamos esta lição e, em nosso itinerário, no cumprimento do dever profissional de tomar da pena, para orientação das turbas, como líderes da consciência pública, atiremos ao passar, na luta de cada dia, palavras, sentimentos, conceitos e augúrios generosos, como o lavrador lança à terra a boa semente, na expectativa da germinação...

Há em nosso caminho tantos famintos de ideal, tanta gente sequiosa, à procura d'água viva e pura da esperança.

O cidadão moderno, no julgar de Chersterton, é um viajante que se perdeu na estrada... Tem de regressar ao ponto de partida, se quiser lembrar-se de onde veio e para onde vai...

Aqui, neste augusto Cenáculo das Letras, devemos possuir o sentido profundo da responsabilidade. Saibamos dar ao nosso estilo, como eloquentemente afirmou Ernesto Hello de São Francisco de Sales — a côr da natureza, vista à luz do sobrenatural...

Seremos, assim, dignos das poltronas que ocupamos, para maior realce do nosso refulgente passado de Terra de Deus, Terra da Liberdade, Terra da Luz !